Cláudio Homero Ferreira da Silva

Entre o Silêncio e a Verdade

Entre o Silêncio e a Verdade

CLÁUDIO HOMERO FERREIRA DA SILVA

Copyright © 2025 Cláudio Homero Ferreira da Silva

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-65-01-63960-4

DEDICATÓRIA

Dedico a todos os irmãos e também àqueles que acreditam na perfeição do espírito pelo conhecimento.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....i
1 INICIAÇÃO.....3
2 TEMPO DE APRENDIZ.....9
3 ESPERA E REFLEXÃO.....18
4 MEDITAÇÕES DE UM COMPANHEIRO.....21
5 MAÇONARIA E HUMANIDADE.....38
6 INSTRUMENTOS PARA O INICIADO.....47
SOBRE O AUTOR.....54

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Mestre Maçom que me indicou, Moacir de Goiânia (in memoriam), e aos irmãos da Loja Maçônica União Araguarina n. 0924, principalmente aqueles com quem tive o prazer de conviver entre 1999 e 2006.

1 INICIAÇÃO

Deseja-se a Luz.

Ao regressar do seu interior, o ser humano recobra a consciência mundana e sente o seu real estado de pobreza edênica. Bate à porta do Templo; deseja a Luz, pois a Luz é o caminho de retorno ao paraíso; simbolicamente desnudado e afastado do instinto animal que lhe impregnava, secularmente escravizado pelas paixões, na sua individualidade, amarrado ao preconceito, ao orgulho intelectual, caminha o ser em busca da Verdade que lhe possa de tudo isto afastar. Guiado pelo Deus Interior, é na porta do Templo Maçônico que ele se encontra.

"Quem és tu?" – perguntam os Guardiões do Templo. Ninguém pode obter a Luz se não tiver o firme propósito da Verdade.

O homem, na humildade de sua mínima força, se expõe: dotado de liberdade, que se faz na capacidade de vida e de morte em sua escolha pessoal; com resquícios de discernimento do Bem e do Mal, uma vez que estes se modificam na aparência e com sede de subir os degraus da escada espiritual, porém ainda nas trevas.

O seu estado de escuridão assemelha-se à ignorância do pensar: o

ser que nada conhece passa a criar lendas e mitos para explicar o desconhecido, daí nascem os preconceitos, deturpações, alienações, que momentaneamente aliviam o homem, mas que, a qualquer inspeção mais profunda, percebe-se estar no mesmo ponto vazio e escuro.

Continua seu caminhar, porém existem mudanças. Apesar de ainda nada enxergar de sua realidade, a experimentação sensorial cria-lhe imagens em seu pensar primitivo: faz-se presente o contraste, a essência, o silêncio, somente quebrado pelo Guardião, pela Sabedoria-Força-Beleza que se tornam em forma de palavras. Imagina-se que onde se está possui imensas proporções, como que se todo universo ali estivesse; no toque, apenas a Bondade; chega-lhe a arrepiar a espinha de tão energético que encontra o ambiente.

Mas é necessário evoluir no pensamento. A luz está dentro de si, como um diamante encravado nas profundezas, sendo, pois, necessário buscá-lo incerta e incansavelmente em todos os lugares, achá-lo trabalhosamente, iniciar-se na sua lapidação; assim é o brilho ofuscante que não necessita ser intenso para todas as trevas iluminar.

O primitivo se surpreende. Misterioso se faz que em tudo busque explicação; não há ciência nem conhecimento, apenas dúvidas; a humanidade, com sua frágil carga de saber, resolve lentamente suas pequenas indagações. Mas como explicar a origem da vida? Como decifrar os segredos da alma? Como controlar as ideias, o pensar? Quem isto tudo ao homem entregou?…

O homem aqui cai diante de suas vastas questões e todas elas

entrega ao Ser Superior, àquele que acima de tudo está, pois só a Ele é devido este saber.

A humanidade aqui aceita e encontra em Deus sua única salvação para a solidão e a liberdade. Ele ora depositando no G.:A.:D.:U.:, toda sua esperança e aflição, pois somente Deus é capaz de livrar o homem da angústia e do desespero.

Aquele que se candidata ao Templo da Luz deve se esforçar, atravessar dificuldades e perigos, ultrapassar os domínios do mundano, lutar interna e externamente e, finalmente, chegar ao domínio do Divino. Atravessar as reflexões, a purificação, a dúvida; começar a viagem no Ocidente e encontrar-se no Oriente ao final de todas as batalhas. Perceber que Beleza, Força e Sabedoria o acompanham de atentos olhos; vencer as masmorras; sentir a brisa da liberdade, regozijando-se e cuidando para mantê-la; limpar-se em águas limpas e cristalinas, absorvendo para si toda a transparência; iluminar com a tocha sua senda.

Terra, Fogo, Ar, Água, inundam o pensar, faz-se o primeiro passo para a criação do mundo do pensamento, onde a Verdade será revelada.

Como diziam os antigos:

*"Verdade está de uso exclusivo da razão, deusa soberana e absoluta; afirma a unidade do ser e, consequentemente, nega a legitimidade racional da multiplicidade do movimento. Verdade que pretende apresentar apenas o que pode alcançar a compreensão de um

mortal. Não mais de forma absoluta, porém proporcional à medida humana. A evidência procurada não mais será a do intelecto puro: é a exigência da clareza racional, aplicada aos dados fornecidos pelos sentidos. Desaparece a monarquia da razão, o conhecimento se democratiza: todos os recursos de apreensão da realidade são igualmente legítimos e devem ter sua parte na constituição da verdade – Examina de todos os modos possíveis de que maneira cada coisa se torna evidente. Não atribua mais crença à sua vista do que ao seu ouvido, que ressoa mais que às claras indicações da língua. Não recuse a seus outros membros a sua confiança, na medida em que eles apresentam ainda um meio de conhecer; porém, toma o saber de cada coisa de maneira a torná-la clara. Resultando desta democratização do processo gnosiológico, é também a natureza do logos, não mais solitário ou pessimista, antes, porém, dirigido a um ouvinte, a uma outra consciência; abre-se o caminho para o diálogo. A conciliação entre a razão e os sentidos conduz à substituição do monismo corporalista pelo pluralismo: o universo pode ser entendido então como resultado de quatro raízes – a água, o ar, a terra, o fogo. Essas raízes estão governadas pela isonomia: são "iguais", nenhuma é mais importante, nenhuma mais primitiva, todas eternas e imutáveis. Nem há mudança substancial: as raízes permanecem idênticas a si mesmas. A diversidade das coisas delas resultante advém de sua mistura em diferentes proporções. Não há nascimento para nenhuma das coisas mortais, não há fim pela morte funesta; há somente mistura e

dissociação dos componentes da mistura. Nascimento é apenas um nome dado ao fato pelos homens. Por exigência da razão, as raízes são concebidas como imóveis, contudo, os sentidos as exigem como o movimento percebido no universo, não podendo, portanto, ser tido como uma mera ilusão; resolvendo democraticamente as duas reivindicações, concebendo a cada qual uma satisfação (limitada), baseada nos princípios cosmogônicos: o Amor e o Ódio."* O primeiro age como força de atração entre as raízes, enquanto o segundo, de maneira contrária. Atua a igualdade, a alternância geradora de todos os ciclos, a compensação resultando em uma progressão em função da separação e aproximação das raízes, levando-se a concluir que o ser e toda a constituição do universo são sustentados pelo equilíbrio de opostos.

Fé, esperança e persistência: eis a chave para que todos os objetivos sejam alcançados; amor: princípio universal da perfeição!

Aquele que a Luz deseja passou pela reflexão e em todas as provas com êxito, demonstrando sua resolução. Está, pois, apto para aprender a Busca da Luz no caminho certo, porém, agora é chegada a hora do Templo da Luz mostrar-lhe as condições:

Adesão à causa sagrada, eternamente; para encontrar-se com a Verdade, é necessário a entrega total; o Templo da Luz edifica-se com vida em abundância e plenitude; o mistério encontra-se em nossas próprias entranhas; o respeito, a devoção, a estabilidade e a harmonia devem ser cultuados; o silêncio torna-se um dever e a fraternidade, uma

obrigação.

É chegada a hora de passar pelo portal estreito e livrar-se da abominável escuridão que o impede de reconhecer a verdadeira realidade.

No início, tudo estava em Deus.

Deus fez a Luz e, com ela, tudo gerou; logo, a Deus pertencem todas as coisas.

Banhado de Luz, o noviço pode finalmente enxergar e materializar tudo aquilo que sua percepção concebeu. Pode-se realmente sentir o amor pairando no ar, a harmonia se faz presente; é revelado todo o imenso azul, profundamente sereno; o silêncio e a melodia se entrelaçam, os símbolos enchem-lhe os olhos; a verdade revelada apressa-lhe a dissipação de todo medo, preconceito e ilusão; todos mostram-se fraternalmente ligados, as proporções tornam-se como realmente são.

De agora em diante, batei e sereis atendido, pedi e recebereis, procurai e encontrareis.

A irmandade tem seu mais novo aprendiz. É chegada a hora de abrir a mente, o coração e a alma, lapidar a cada aresta para receber e compreender a Verdade, pois este é apenas o primeiro passo nesta escada ascendente rumo à perfeição.

2 TEMPO DE APRENDIZ

O que sabemos da vida? Seus mistérios e mecanismos...

Estamos ilhados no imenso universo e a única certeza que paira sobre todos é de que ao pó retornaremos.

"Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma..." Diziam os pré-socráticos e, mais recentemente, demonstrado por Lavoisier.

"Os mistérios religiosos ensinam que ninguém deve voluntariamente libertar-se da vida porque é sob a guarda dos deuses que o homem vive. Não podemos, pois, desobedecê-los e o suicídio é irracional. A morte não é um mal para o religioso porque este nutre a esperança de uma vida melhor. A morte não é um mal para o filósofo, pois a filosofia é uma meditação sobre a morte, uma libertação das cadeias que prendem a alma ao corpo. A morte permite conhecer e contemplar a verdade, que apenas entrevemos através das brumas dos nossos sentidos.

Mas e depois da morte, que é feito da alma?

A alma não desaparece com a morte, pois vida e morte são contrários. A morte vem da vida e, assim, a vida também não pode deixar de vir da morte. Toda mudança, todo movimento dá-se em

virtude de uma oposição de contrários. Passamos do sono à vigília e da vigília ao sono, graças a momentos que são o acordar e o adormecer. Do mesmo modo, estar vivo e estar morto são contrários. E, se a lei que rege a oposição de contrários não falha, certo é que a morte conduz à vida, que é renascer no Hades. O que denominamos de morte é apenas uma outra forma de vida..."

A alma que, na concepção do homem no passado, já esteve separada do seu corpo, traz hoje a ideia de união indissolúvel durante esta breve existência.

Mantemo-nos alertas e vigilantes, pois esta é uma ínfima oportunidade que temos de galgar um degrau a mais rumo à evolução espiritual!

Paira sobre a humanidade a glória de sermos os senhores deste mundo e a tristeza atribuída ao mal comum que o impede de ter a sua paz de consciência, somente alcançada pela ação do GADU.

Somos glorificados por sermos humanos, pensantes, racionais, sonhadores, belos e perfeitos, à imagem e semelhança do Criador, porém somente o somos quando exercemos o Bem, a bondade, a caridade e a virtude, que assim nos aproxima da essência da Criação.

Não temos paz de consciência porque estamos amarrados, acorrentados e escravizados pelos vícios do homem moderno e as imperfeições de sua alma, que despreza a obra perfeita do Criador, querendo subvertê-la a seus interesses, e contra o qual o verdadeiro soldado construtor deve lutar, levando assim a humanidade ao caminho

certo. Este mal comum, que é o resquício do pecado original, se faz presente pelo egoísmo, a injustiça e todos os sentimentos que desagradam o ser e também por seus pensamentos.

A palavra e a ação são concretizações dos pensamentos, ou seja, a materialização de algo já ocorrido em outro plano, no mundo do pensamento, como diziam os seguidores de Sócrates em sua divisão dos mundos.

E como saber qual é o caminho do Bem ou do mal?

Bem gera o Bem, mal gera o mal, esta é a lei.

O amor é o princípio básico da existência, o poder que gera e sustenta os "mundos".

Só o amor aglutina a sociedade, aproxima os homens, identifica-os na convivência, aperfeiçoa-os na ajuda mútua. Este princípio é que eleva o humano ao divino.

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se

irrita, não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos; mas, quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, pensava como menino; mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque agora vemos como por espelho, em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei plenamente, como também sou plenamente conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, o amor, estes três; mas o maior destes é o amor.

No Livro da Lei encontramos as lições para o bem viver e que devem nortear a vida do maçom. Livro da história sagrada do povo escolhido pelo Criador, e assim realizar o Reino de Deus no meio de nós. Há dois mil anos folheamos esta cartilha, soletramos as suas primeiras lições, aprendemos a lê-las corretamente e, depois, os homens profanos o deixaram de lado para tratar egoisticamente de suas próprias vidas, como se a vida não estivesse ali, precisamente, naqueles ensinamentos suaves e puros. Poucos são os ensinamentos, porque são princípios, ou seja, diretrizes básicas para a vida espiritual; o que importa é a qualidade e não a quantidade. A legitimidade dos princípios fundamentais é o que torna válida uma doutrina. Os princípios fundamentais são necessariamente poucos, da mesma maneira que os

alicerces de um edifício, por mais alto que seja, são sempre reduzidos aos limites da área em que ele se ergue.

Não nos conhecemos e não aplicamos ainda a máxima de Jesus Cristo: "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo", pois, se assim o fizéssemos, o mundo não seria povoado, colonizado e habitado por guerras, miséria e escravidão em suas várias formas.

Somos múltiplos e complexos, constituídos de vários "corpos", que requerem diferentes estímulos para reagirem: o físico requer trabalho; o mental, reflexão; o transcendental, integração e equilíbrio.

Integração e equilíbrio, estamos conectados por sermos fruto da mesma essência que se esconde nas profundezas de cada ser, e quanto ao equilíbrio, a existência é curta demais para alcançá-lo, pois o sistema aqui constituído encontra-se em permanente mutação. Porém, a lição que disto pode-se tirar é que, se até mesmo a natureza o busca incessantemente, visando reduzir as diferenças, assim também o homem deve fazer.

"A mais bela e profunda emoção que se pode experimentar é a sensação do místico. Este é o semeador da verdadeira ciência. Aquele a quem seja estranha tal sensação, aquele que não mais possa devanear e ser empolgado pelo encantamento, não passa, em verdade, de um morto. Saber que realmente existe aquilo que é impenetrável a nós, e que se manifesta como a mais alta das sabedorias e a mais radiante das belezas, que as nossas embotadas faculdades só podem entender em

suas formas mais primitivas, esse conhecimento, esse sentimento está no centro da verdadeira religiosidade", como disse Einstein.

Os grandes males do homem são a ignorância e a comunicação. Livrar-se deles seria como estar a alguns passos do paraíso e da sociedade ideal, construção do verdadeiro reino de Deus no meio de nós.

Ignorância, nas suas mais variadas formas, fonte de absurdos. Comunicação de desencontros. Porém, não basta apenas o conhecimento intelectual; necessário se faz ter o domínio pleno da sapiência nas entrelinhas da vida e do tempo.

A Maçonaria, meus irmãos, é a representação do ser, do universo, da vida, do macro e do microcosmo, de Deus e da perfeição de sua criação.

Essa representação nos faz lembrar a necessidade de eliminar a ignorância pela instrução; a busca da perfeição e conjunção com o GADU, pautada pelo Livro da Lei; a eliminação da falha de comunicação pela gravação no íntimo do ser, de todos os símbolos e alegorias necessários para que sempre se tenha consigo os ensinamentos e princípios que conduzirão a passagem pela grande escola da vida, em que a Loja se resume.

Somos templo, onde o GADU habita. Purificar-se é nosso dever constante, para merecimento de tal honra, preparando-nos para a mudança de morada do espírito, para o renascimento.

Lapidar, nas primeiras horas e enquanto for necessário, a pedra

bruta com o malho e o cinzel. Trabalhar a vontade e o julgamento, dosando, dirigindo a inteligência e a força para que assim surjam ritmo e retidão, a fim de que a perfeição se estabeleça pelo contínuo trabalho, alcançando assim o merecimento de nossas tarefas, tendo como alegoria a eterna reflexão.

Vigiado pelo tempo-espaço, nas bases da harmonia entre contrários e permeados de fraternidade, está a Loja, local de silêncio e reflexão na presença do Supremo Arquiteto do Universo. Momento que leva o verdadeiro maçom a ultrapassar o físico, o sentimental e o intelectual, para assim atingir a Luz e irradiá-la ao mundo de forma tal que todos tirem proveito e vantagem, pois a iniciação é como os talentos das parábolas do Grande Mestre Jesus, para serem utilizados em favor do bem comum, sem ostentação e sem olhar a quem, para assim preservar, renovar e ampliar os talentos, pois:

"Porque a todo o que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até aquilo que tem ser-lhe-á tirado. E lançai o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes."

Receber a luz dos irmãos em superior posição na caminhada espiritual e irradiá-la a toda a sociedade, com alegre passividade juntamente com a razão, gerando o patrimônio e a herança de todos.

Força, Beleza e Sabedoria;

Jônica, Dórica e Coríntia;

Livro da Lei, Esquadro e Compasso;

Pavimento mosaico, Estrela Flamejante e Orla Dentada;

Harmonia, Caridade e Amor;

Sol, Lua e Estrela de Cinco Pontas;

Esquadro, Nível e Prumo;

Prancheta, Pedra Bruta e Pedra Cúbica;

Físico, Mental e Espiritual;

Sinceridade, Coragem e Perseverança;

Tolerância, Amor Fraternal e Respeito a si mesmo;

Inteligência, Vontade e Sabedoria;

Três viagens;

Três altares;

Aprendiz, Companheiro e Mestre;

Pureza, Luz e Verdade;

Três anos;

Aritmética, Música e Geometria;

Modéstia, Prudência e Silêncio;

Sentir fundo, Pensar alto e Falar claro;

Gramática, Lógica e Retórica;

Unidade, Dualidade e Trindade;

Batismo, Confirmação e Comunhão;

Aspirar, Respirar e Concentrar;

Pai, Filho e Espírito Santo...

Está é a trindade, a trilogia presente a todos os irmãos, sob várias formas, nos variados sentidos e locais de manifestação, mas que inunda a todos. Deveres e direitos, imagens, símbolos e alegorias, esperança e

conhecimento e, no sentido de cada unidade dentro da trindade, está o mais profundo segredo a que o aprendiz está submetido: Buscar-se, lapidar-se para assim entrar em comunhão com os irmãos e assim estar em comunhão com o Supremo. Livrar-se da dualidade que confunde e divide, encontrando o equilíbrio para assim reduzir esta à unidade ou ampliá-la à trindade – símbolo do mundo divino.

Ultrapassar a terra, o ar, a água e o fogo, alcançando a Força, o Trabalho, a Ciência e a Virtude e assim finalmente tornar-se um verdadeiro construtor e Filho da Luz, com Saber, Ousar, Querer e Calar.

3 ESPERA E REFLEXÃO

Antes de tudo, paira a escuridão, o silêncio. Nas tortuosidades do tempo, perde-se o ser; vão-se, como areia fina que escorre pela mão, os talentos ao homem confiados, corrompidos pela sociedade vil e mesquinha: a sociedade profana. Não sabe o ser que foi Deus o Criador, G.: A.: D.: U.:, quem a ele os confiou?

Ante ao chamamento de um amigo, deixa-se guiar; despoja-se de toda a ostentação; deixa-se ser desnudado para demonstrar a sua sinceridade; estremece diante do desconhecido.

Nas trevas da ignorância, liberto das ligações sociais, sem a quem possa responder às indagações, sem instrumentos que possam desviar sua atenção, limpo e só.

O que se vê?

Nada, a escuridão do ser.

O que se ouve?

O silêncio.

O que sente?

Apenas a sua respiração e as batidas de seu coração.

Sentado, entregue ao tempo, afloram no ser, longe das influências sociais, as questões intrínsecas de sua alma, de cujo teor sempre foge. Mas ali, vendado, quase enclausurado momentaneamente, como se uma força cada vez mais intensa o mantivesse sentado, não há escapatória.

Quem sou? O que sou? De onde venho? Para onde vou? O que devo fazer aqui?

No íntimo do pensamento, quando desta reflexão, gera-se a angústia e o desespero pela falta de respostas e aceitação de sua fragilidade. E neste ínfimo momento a quem recorremos para livrar-nos da dor?

Recorremos ao "Geômetra que sempre opera" para a perfeição de tudo.

A reflexão nos leva a outro mundo. Das trevas do nada, projeta-se aos atos do ser ao longo da existência. Deixa-se o plano físico para, no mundo do pensamento, no interior de si mesmo, ter uma espetacular experiência, que manterá acesa a esperança de ainda encontrar o Deus Interior e achar as respostas a todos os seus questionamentos. Através da angústia, purifica-se a alma dos vícios, impressões, desejos, atos e prepara o indivíduo para receber, de coração aberto, o conhecimento que lhe será confiado.

Mesmo que, neste momento, o ser deixasse a existência, ele pelo menos teria imaginado como seria a Luz do Deus Interior.

Mas não, ainda não se obteve a Luz.

Voltado a si mesmo, levado ao local discreto, ponto de concentração, interior de si mesmo, na mesma escuridão que se

encontrava, e lá se depara com a realidade espantosa:

*Um convite a visitar sua essência mais profunda e lá encontrar-se com a Verdade da existência. Buscar e encontrar a pedra oculta para, fortificado pelo alimento da vida, cheio de sua essência, morto para o vício, inundado de sabedoria, ponderado nas atitudes, vigilante aos instintos, perseverante em seus ideais e incentivado pelo Espírito Maçônico que ali paira, possa ter energia para desbastar as arestas e terminar o trabalho o quanto antes, pois o tempo passa e cobra do ser um retorno àquilo que lhe é concedido.

Somente assim é que se pode aspirar à Luz.

Vai-se a solidão, perde-se o silêncio, retorna-se ao mundo real, porém vem consigo a experiência fabulosa do pensamento humano e toda a sua capacidade.

Uma recordação fica permanente: o quarto negro e toda a sua simbologia em que se esteve encarcerado instantaneamente, comparando-se as amarras seculares do vício, refletindo.

A liberdade é algo imprescindível; porém, a consciência sempre estará vigilante, pois, como instrumentos divinos, devemos estar puros e dignos de templos. E somente atravessando firmemente esta etapa e absorvendo todos os seus ensinamentos e símbolos é que realmente poderemos trabalhar a pedra bruta e edificar nosso templo e nossa parte na perfeição do universo.

4 MEDITAÇÕES DE UM COMPANHEIRO

Batei e sereis atendido, pedi e recebereis, procurai e encontrareis.

Mas a porta não se abre.

Os augustos trabalhos já estão em andamento e ainda não é chegada a hora de atravessar os portais do Templo de Salomão.

Somente o tempo, a reflexão, o trabalho e a participação é que dão juízo ao aumento de salário tão almejado.

Somente após ir ao centro da terra e ao âmago de si mesmo, simbolizado pela breve permanência na Câmara de Reflexão e de lá sair renovado, como uma semente que na terra foi lançada, brotando e daí pronta para a frutificação; obter a Luz e encadear-se na Cadeia de União como mais um nó na corda ou mais uma semente da romã é que se pode conceber tal desejo.

Longo e eterno é o aprendizado. Marcado pelas constatações, por imagens e sua responsabilidade intrínseca.

Longa é a escada e urge avançar, assim como o tempo, que não se detém em momentos de alegria ou tristeza e caminha indiferente a tudo.

O final do chamado período do aprendiz maçom traz um grande

ensinamento: é pelo trabalho de outrem que somos guiados, relembrando que é pela mão do Gerador da Vida que aqui tudo passamos.

Bate a porta do templo, agora o aprendiz, que não mais está vendado como o profano que foi antes de iniciar-se nos mistérios da maçonaria, mas, em sinal de sua sinceridade, expõe o peito nu, portando a régua em seu ombro esquerdo. Régua delineadora dos trabalhos, medidora de tempo e esforços, que relembra e, com isso, nos ensina a apreciar as 24 horas do dia com critério, moderação e sapiência, em trabalho, meditação e descanso.

Desbastada encontra-se a pedra bruta e agora chegou o momento de se aprender novas técnicas a fim de que se chegue à pedra cúbica polida, pronta para ser utilizada na construção do templo.

Antes de avançar, porém, é necessário e prudente que se reveja todo o trabalho.

Antes de se tornar Companheiro, é necessário reler toda a trajetória do aprendiz, desde seu desejo de ingressar nesta sublime ordem, passando pela porta de entrada da loja conduzido por um amigo, passando pela câmara de reflexão com toda a sua profundidade de mistérios, ensinamentos, símbolos e emblemas, passando pelas viagens simbólicas da iniciação até o recebimento da Luz pelos irmãos e os primeiros ensinamentos de aprendiz.

"... Ninguém pode se dizer feliz antes de morrer...", o maçom pode-se dizer feliz pois simbolicamente já o fez na sua iniciação, ou senão

este pelo menos é um tema de constante reflexão nos trabalhos desta ordem.

Recordar de todo o trabalho de desbaste e ver se realmente a maçonaria entrou neste aprendiz.

E assim tornar vivos os conceitos de que: o luxo é um vício que deslumbra o vulgo, a ignorância e as paixões devem ser veementemente combatidas, o aprimoramento é longo e a pequenos passos, a disposição deve ser firme e constante, a justiça e a verdade devem estar sempre presentes e que tudo isto sejam os alicerces das forças que irão guiar, malho e cinzel, com inteligência e vontade, que iniciam e motivam os maçons tanto nas iniciações simbólicas e trabalhos de loja, bem como em toda a extensão de suas vidas.

Não mais é suficiente o juramento da iniciação, mas ainda será necessário, de hora em diante, de forma a jamais trair a causa da humanidade.

Não mais é suficiente o desbaste, é necessário delinear com régua e compasso: medida justa e reta.

No companheirismo é legado ao maçom o transporte pela alavanca, pelo poder da concentração e a responsabilidade pelo desempenho das grandes tarefas. E com isso concretizar a elevação dos templos: Templo de Salomão:

... Salomão edificou também a sua casa, levando treze anos para acabá-la. Edificou ainda a casa do bosque de Líbano, de cem côvados de comprimento, cinquenta de largura e trinta de altura, sobre quatro

ordens de colunas de cedros, e vigas de cedro sobre as colunas. E por cima estava coberta de cedro sobre as câmaras, que estavam sobre quarenta e cinco colunas, quinze em cada ordem. E havia três ordens de janelas, e uma janela estava defronte da outra, em três fileiras. Todas as portas e esquadrias eram quadradas; e uma janela estava defronte da outra, em três fileiras. Depois fez um pórtico de colunas, de cinquenta côvados de comprimento e trinta de largura; e defronte dele outro pórtico, com suas respectivas colunas e degraus. Também fez o pórtico para o trono onde julgava, isto é, o pórtico do juízo, o qual era coberto de cedro desde o soalho até o teto. E em sua casa, em que morava, havia outro átrio por dentro do pórtico, de obra semelhante à deste; também para a filha de Faraó, que ele tomara por mulher, fez uma casa semelhante àquele pórtico. Todas estas casas eram de pedras de grande preço, cortadas sob medida, tendo as suas faces por dentro e por fora serradas à serra; e isto desde o fundamento até as beiras do teto, e por fora até o grande átrio. Os fundamentos eram de pedras de grande preço, pedras grandes, de dez e de oito côvados, e por cima delas havia pedras de grande preço, lavradas sob medida, e madeira de cedro. O átrio grande tinha em redor três ordens de pedras lavradas, com uma ordem de vigas de cedro; assim era também o átrio interior da casa do Senhor e o pórtico da casa. O rei Salomão mandou trazer de Tiro a Hirão. Era ele filho de uma viúva, da tribo de Naftali, e fora seu pai um homem de Tiro, que trabalhava em bronze; ele era cheio de sabedoria, de entendimento e de ciência para fazer toda sorte de obras de bronze.

Este veio ter com o rei Salomão, e executou todas as suas obras. Formou as duas colunas de bronze; a altura de cada coluna era de dezoito côvados; e um fio de doze côvados era a medida da circunferência de cada uma das colunas; também fez dois capitéis de bronze fundido para pôr sobre o alto das colunas; de cinco côvados era a altura dum capitel, e de cinco côvados também a altura do outro. Havia redes de malha, e grinaldas entrelaçadas, para os capitéis que estavam sobre o alto das colunas: sete para um capitel e sete para o outro. Assim fez as colunas; e havia duas fileiras de romãs em redor sobre uma rede, para cobrir os capitéis que estavam sobre o alto das colunas; assim fez com um e outro capitel. Os capitéis que estavam sobre o alto das colunas, no pórtico, figuravam lírios, e eram de quatro côvados. Os capitéis, pois, sobre as duas colunas estavam também justamente em cima do bojo que estava junto à rede; e havia duzentas romãs, em fileiras em redor, sobre um e outro capitel. Depois levantou as colunas no pórtico do templo; levantando a coluna direita, pôs-lhe o nome de Jaquim; e levantando a coluna esquerda, pôs-lhe o nome de Boaz. Sobre o alto das colunas estava a obra de lírios. E assim se acabou a obra das colunas. Fez também o mar de fundição; era redondo e media dez côvados duma borda à outra, cinco côvados de altura e trinta de circunferência. Por baixo da sua borda em redor havia botões que o cingiam, dez em cada côvado, cercando aquele mar em redor; duas eram as fileiras destes botões, fundidas juntamente com o mar. E firmava-se sobre doze bois, três dos quais olhavam para o norte,

três para o ocidente, três para o sul e três para o oriente; e o mar descansava sobre eles, e as partes posteriores deles estavam para a banda de dentro. A sua grossura era de três polegadas, e a borda era como a de um copo, como flor de lírio; ele levava dois mil batos. Fez também as dez bases de bronze; cada uma tinha quatro côvados de comprimento, quatro de largura e três de altura. E a estrutura das bases era esta: tinham elas almofadas, as quais estavam entre as junturas; e sobre as almofadas que estavam entre as junturas havia leões, bois e querubins, bem como os havia sobre as junturas em cima; e debaixo dos leões e dos bois havia grinaldas pendentes. Cada base tinha quatro rodas de bronze e eixos de bronze; e os seus quatro cantos tinham suportes; debaixo da pia estavam estes suportes de fundição, tendo eles grinaldas de cada lado. A sua boca, dentro da coroa e em cima, era de um côvado; e era redonda segundo a obra dum pedestal, de côvado e meio; e também sobre a sua boca havia entalhes, e as suas almofadas eram quadradas, não redondas. As quatro rodas estavam debaixo das almofadas, e os seus eixos estavam na base; e era a altura de cada roda de côvado e meio. O feitio das rodas era como o de uma roda de carro; seus eixos, suas cambas, seus raios e seus cubos, todos eram fundidos. Havia quatro suportes aos quatro cantos de cada base, os quais faziam parte da própria base. No alto de cada base havia um cinto redondo, de meio côvado de altura; também sobre o topo de cada base havia esteios e almofadas que faziam parte dela. E nas placas dos seus esteios e nas suas almofadas lavrou querubins, leões e palmas, segundo o espaço que

havia em cada uma, com grinaldas em redor. Deste modo fez as dez bases: todas com a mesma fundição, a mesma medida e o mesmo entalhe. Também fez dez pias de bronze; em cada uma cabiam quarenta batos, e cada pia era de quatro côvados; e cada uma delas estava sobre uma das dez bases. E pôs cinco bases à direita da casa e cinco à esquerda; porém o mar pôs ao lado direito da casa para a banda do oriente, na direção do sul. Hirão fez também as caldeiras, as pás e as bacias; assim acabou de fazer toda a obra que executou para o rei Salomão, para a casa do Senhor, a saber: as duas colunas, os globos dos capitéis que estavam sobre o alto das colunas, e as duas redes para cobrir os dois globos dos capitéis que estavam sobre o alto das colunas, e as quatrocentas romãs para as duas redes, a saber, duas carreiras de romãs para cada rede, para cobrirem os dois globos dos capitéis que estavam em cima das colunas; as dez bases e as dez pias sobre as bases; o mar, e os doze bois debaixo do mesmo; as caldeiras, as pás e as bacias; todos estes objetos que Hirão fez para o rei Salomão, para a casa do Senhor, eram de bronze polido. O rei os fez fundir na planície do Jordão, num terreno argiloso que havia entre Sucote e Zaretã. E Salomão deixou de pesar esses objetos devido ao seu excessivo número; não se averiguou o peso do bronze. Também fez Salomão todos os utensílios para a casa do Senhor: o altar de ouro e a mesa de ouro, sobre a qual estavam os pães da proposição; os castiçais, cinco à direita e cinco à esquerda, diante do oráculo, de ouro puro; as flores, as lâmpadas e as tenazes, também de ouro; e as taças, as espevitadeiras, as

bacias, as colheres e os braseiros, de ouro puro; e os gonzos para as portas da casa interior, para o lugar santíssimo, e os das portas da casa, isto é, do templo, também de ouro. Assim se acabou toda a obra que o rei Salomão fez para a casa do Senhor. Então trouxe Salomão as coisas que seu pai Davi tinha consagrado, a saber, a prata, o ouro e os vasos; e os depositou nos tesouros da casa do Senhor...

Templos da virtude, templo da perfeição, homens que se fazem templo pela busca da comunhão com o Todo-Poderoso, verificando com esquadro a harmonia com zelo e inteligência.

A causa maçônica é apenas trabalho. Trabalho manual, intelectual e simbólico. Trabalho assinalado pelo avental de pele branca que agora fisicamente abaixa sua aba, mas que espiritualmente sempre continuará levantada, rendendo graças ao Criador.

É chegada a hora de trocar a coluna do norte pela do sul, trocar a coluna de guarda simbólica da ferramenta da coluna B para a coluna J, percorrer os signos do zodíaco rumo a Libra (equilíbrio), de acrescentar 2 ao número do aprendiz, de envelhecer 2 anos e adquirir numericamente a quintessência universal e a essência vital, a caminhar transpondo a horizontal e a ter direito à palavra de passe.

Como aprendiz, os objetos de contemplação e estudos eram os instrumentos, o templo, os emblemas da maçonaria universal. Como companheiro, acrescentam-se a estes a Estrela Flamígera, símbolo do fogo sagrado, o Delta de verdades e ideias sublimes: "três partes da sabedoria do mundo, relacionados num triângulo equilátero, ou Delta,

símbolo antiquíssimo da figura geométrica de maior conteúdo esotérico, simboliza os ternários e o perfeito equilíbrio entre os três aspectos da divindade", e a palavra IOD: tetragrama representativo do divino nome. Encontrada a tetragrama sagrada, devia-se imediatamente substituí-la pela palavra Adonai, que significa Senhor. Representante do Criador Incriado.

"...Nenhum nome convém a Deus. Não se lhe pode dar nenhum nome, nem formar opinião a respeito dele. Todo nome ou é abstrato ou concreto. Os concretos não convêm a Deus, que é simples. Os abstratos também não, porque não exprimem nada perfeitamente existente. Logo, nenhum nome convém a Deus. Os nomes exprimem substância qualificada, os verbos exprimem e os particípios a exprimem no tempo; e os pronomes, demonstrativa ou relativamente. Ora, nada disto convém a Deus, que não tem qualidade nem acidente, nem está no tempo, nem cai sob o alcance dos sentidos, de modo que possa ser designado, nem pode ser expresso relativamente; pois os relativos fazem lembrar o que já foi dito, seja um nome, particípio ou pronome demonstrativo. Logo, Deus não pode, de nenhum modo, ser nomeado por nós. Mas, em contrário: o Senhor é como um homem guerreiro, seu nome é onipotente..."

Estes são os símbolos e emblemas que nunca devem afastar-se da mente nem do coração dos companheiros maçons.

O 2º grau simbólico, meus irmãos, é um operário por origem e excelência, e sua alegoria na forma de "O Companheiro" nos leva a

crer, uma vez que o mesmo segue pelo pavimento mosaico, harmônico pelo equilíbrio de forças e cores, trajando o avental para sua proteção, símbolo da integração espírito e matéria e do controle emocional, e portando todos os instrumentos para o trabalho de edificação com retidão, poder, vontade, inteligência e justiça.

O painel do grau de companheiro nos traz, além dos elementos representativos do aprendiz, os instrumentos do companheiro: o compasso e o esquadro entrelaçados na posição do grau, o pavimento mosaico, a orla dentada e a Estrela Flamígera, que são os ornamentos do grau, a espada e a colher de pedreiro, como lembrança da passagem bíblica da construção do templo.

O painel, juntamente com o Livro da Lei sobre o qual se entrelaçam o esquadro e o compasso, simbolizando a evolução e o equilíbrio entre a materialidade e a espiritualidade – raciocínio a caminho da verdade – constitui a linha invisível da qual nenhum maçom ultrapassa.

"...um prumo. Então me disse o Senhor: Eis que porei um prumo no meio do meu povo de Israel; e jamais passarei por ele..."

O sinal do companheiro, cordial e de súplica, simbolizando o nível, o prumo e o esquadro, faz lembrar constantemente do seu novo juramento como tal.

Sua palavra sagrada traz a estabilidade.

Sua palavra de passe: fartura e abundância.

Seu toque relembra a sua idade.

Sua marcha, o senhor dos caminhos que sabe retornar ao caminho

da retidão.

Tudo, desde a passagem pelos umbrais deste templo até o presente momento, nada mais são que instrumentos profícuos e produtivos fornecidos aos homens, a fim de que se execute a tarefa mais importante na vida da humanidade: o trabalho da meditação.

Com isto, penetra-se nos mistérios de Elêusis, obtendo assim os segredos da morte e da ressurreição, da renovação sempre constante da vida nos ciclos de nascimento e morte, denotando a eternidade e a imortalidade, que, levadas pela intuição, análise e síntese, cumprem assim uma das inscrições gravadas na câmara de reflexão: "Se queres bem empregar tua vida, pensa na morte".

"Este conhecimento das percepções insensíveis serve outrossim para explicar por que e de que maneira duas almas humanas, ou de uma mesma espécie, não saem jamais completamente semelhantes das mãos do Criador, e cada qual delas tem sempre a sua relação originária aos pontos de vista que terão o universo. A diferença vigente entre elas é sempre meramente numérica. Os gênios, todas as almas, todas as substâncias simples criadas, estão sempre unidas a um corpo e que nunca existem completamente separadas: isto resolve todas as dificuldades filosóficas sobre o estado das almas, sua conservação perpétua e sua imortalidade e sobre o seu modo de operar. A diferença de um de seus estados em relação ao outro consiste apenas em passar de uma sensibilidade maior a uma sensibilidade menor, do mais perfeito ao menos perfeito e vice-versa, o que torna o seu estado

passado ou o futuro tão explicável quanto o estado presente."

A percepção desenvolvida no ano de observações como aprendiz leva a intuir acerca da Estrela Pentagonal e sua perfeita representação humana em seu equilíbrio bem/mal, símbolo da onipotência e autocracia intelectual, fornecidos pelo Criador que opera com exatidão geométrica, representada pela letra G, ali inserida. Ordem, equilíbrio e harmonia do universo.

"...O sistema todo, assim estruturado, conduz à possibilidade de tradução de uma ordem em outra. O pluralismo das séries convergentes que constituem o universo pode assim apresentar-se com pluralismo conciliado e harmônico..."

Os atos de cada mônada foram antecipadamente regulados de modo a estarem adequados aos atos de todas as outras; isso constituiria a harmonia preestabelecida.

Deus cria as suas criaturas como se fossem relógios, organiza-os com perfeição de maneira a marcarem sempre a mesma hora, dá-lhes corda a partir do mesmo instante, deixando em seguida que seus mecanismos operem sozinhos, colocando no instante da criação toda a percepção, criando-as de tal modo que cada um se desenvolve como se estivesse só.

Deus escolhe o melhor dos mundos dentre todos aqueles que se apresentam como possíveis.

Pois se o mal só tem acesso em nós porque julgamos o que seja, parece que estaria em nosso poder, ou não o levarmos a sério ou o

colocarmos a nosso serviço. Se aquilo que chamamos mal não é o mal nem tormento, e se somente nossa fantasia lhe atribui tal qualidade, podemos modificá-lo. Pois o destino apenas sucinta o incidente; a nós é que cabe determinar a qualidade de seus efeitos. Vejamos portanto se é possível afirmar com autoridade que aquilo a que chamamos mal não é, em si, ou, o que dá na mesma, se ainda que o seja depende de nós mudar-lhe a aparência e as consequências. Se as coisas que tememos tivessem caráter próprio, imporiam-se a todos de igual maneira, produzindo idênticas consequências. Os homens são efetivamente da mesma espécie e, com pequenas diferenças, providos de órgãos semelhantes e instrumentos de concepção e julgamento. A diversidade de opiniões acerca das coisas mostra claramente que atuam sobre nós segundo um dado estado de espírito. Quando um que seja as admita como realmente, mil outros as deformam e modificam. Encaramos a morte, a pobreza e a dor como nossos piores inimigos. Ora, essa morte que alguns consideram 'a mais terrível entre as coisas terríveis', outros julgam o 'único refúgio contra os tormentos da vida – o maior benefício que nos deu a natureza – a nossa única garantia de liberdade – o único amparo imediato e comum contra os males'. Aguardam-na alguns tremendo de medo; outros, preferem-na à vida. E há, ainda, quem a considere demasiado acessível.

O companheiro deve ver, ouvir, meditar, bem agir e calar-se para assim alcançar a perfeição com amabilidade, benevolência, castidade, severidade e retidão.

Atingir a verdadeira alquimia. Não a de transmutação de chumbo em ouro como apenas crêem os profanos, mas a transmutação da inferioridade e multiplicidade ao divino e à unidade purificada pelo fogo. "Igne Natura Renovatur Integra" – o fogo renova toda a natureza. Alquimia que deve ser uma das sendas humanas no caminho da evolução.

Os trabalhos maçônicos percorrem o ano e, ano após ano, visitam os signos do zodíaco, símbolos da morte e da ressurreição, mais uma vez aqui presentes na reflexão maçônica do companheiro e ao renascimento da Fênix, a trajetória que, maçonicamente e simbolicamente, será cumprida no ciclo: aprendiz – companheiro – mestre.

Foram percorridos pelo aprendiz: Áries – fogo, Touro - fecundação, Gêmeos – vitalidade, Câncer – absorção, Leão – juízo, Virgem – aperfeiçoamento. Cabe agora ao companheiro atravessar mais um signo: Libra, ser e ter o equilíbrio de forças construtivas e destrutivas e assim desenvolver seu potencial para o trabalho, mais uma vez aqui mencionado.

Segundo grau na escalada maçônica, grau além de marcado pela meditação e trabalho, também se fazem presentes por natureza a dualidade do ser/não ser, pela oposição e pelo pentagrama identificador do companheiro e sua loja. Impregnado de pura filosofia caracterizada pelo amor à sabedoria.

É dever do companheiro buscar os conhecimentos sociológicos a

fim de casar equilibradamente os valores sociais e os valores individuais pautados pela consciência e a certeza de bem administrar seu poder, certeza esta apenas atingida pelo caminho da dúvida.

"Parece-lhe impossível vencer a dúvida evitando-a ou pretendendo instalar-se desde logo numa frágil certeza, e frágil justamente porque ainda não foi submetida aos testes da dúvida. O decisivo campo de batalha entre a certeza e a incerteza é o próprio eu."

É necessário ao companheiro praticar a filantropia, não o assistencialismo, e estar a posto para lutar contra a tirania e o fanatismo. É necessário ainda defender a igualdade como direito de todos terem o mesmo ponto de partida, lutando ainda pela paz.

Não existe maçonaria sem participação.

Maçonaria é trabalho, é filosofia. E filosofia nada mais é que 'colocar ordem nas coisas' com sabedoria.

"Dentre todos os estudos aos quais os homens se dedicam, o estudo da sabedoria supera a todos em perfeição, em sublimidade, em utilidade e em alegria que proporciona. Supera em perfeição pois, quanto mais o homem se dedica à sabedoria, tanto mais participa da verdadeira felicidade. Em sublimidade, pois é sobretudo em virtude do estudo da sabedoria que o homem se aproxima da semelhança com Deus, que faz tudo com sabedoria. Em utilidade, pois a própria sabedoria conduz ao reino da imortalidade. Supera, finalmente, em alegria que proporciona, pois o 'contato e a comunhão com a sabedoria não comporta nem amargura nem tristeza, mas só prazer e alegria'."

Mas o conhecimento, a verdade, a certeza, a ordem, a inteligência, a vontade, a razão, o bem, o Criador, o trabalho não podem ser transmitidos. Estes e outros devem ser individualmente adquiridos e alcançados, mesmo que isto leve o ser a encontrar-se dividido em sua individualidade, ao niilismo a que está exposto. Uma vez que não ser possível dar a outrem o que, na maioria das vezes, o indivíduo nem possui.

O conhecimento e a experiência fornecidos pela razão e pela experimentação são modificados em sua essência pelos sentidos e sentimentos presentes no homem antes de atingirem sua consciência, tornando a transmissão algo inviável, correndo-se o risco de, assim insistindo, reproduzir a 'alegoria da caverna' de Platão.

E somente com a crença inabalável no GADU e na reflexão para atingir o ser e a realidade com toda a sua plenitude e verdade é que o maçom, em especial o companheiro maçom, pode seguir, cumprindo suas promessas, juramentos e responsabilidades.

Somente na continuidade da vida reside a esperança da modificação e ascensão dos mundos.

Este é o fim deste texto, desta reflexão, símbolo de um período, início de uma nova meditação, nova caminhada, início de novos objetivos a serem alcançados. Esta é, em suma, uma síntese provisória, uma vez que logo ela se tornará tese ou antítese, confrontando-se com sua oposição e assim formando nova síntese, e sucessivamente...

A verdade pode não ser encontrada.

As respostas podem ficar perdidas ou nem sequer serem encontradas.

O trabalho pode não estar concluído e ainda não se ter alcançado a perfeição.

Perfeição, Ente, Essência, ser, razão, Deus, existência não são fáceis de serem alcançados.

Muitos são os caminhos.

O que realmente importa é estar preenchendo esta existência de forma que, mesmo após a morte, continuemos nossa presença aqui na forma de nossas obras, sejam quais forem, que de alguma forma dignifique, eleve, dirija e preencha a maçonaria e a humanidade.

Aí sim, poderemos com certeza afirmar que fomos felizes!!!

5 MAÇONARIA E HUMANIDADE

A maçonaria é uma instituição hierárquica, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista, a serviço do bem-estar da pátria e da humanidade.

Hierárquica, pois baseia sua administração em uma cadeia estruturada de comando e, simbolicamente, a efetiva participação nos trabalhos leva invariavelmente à ascensão, ciclicamente representada pela espiral ascendente, teorizada desde os primórdios da filosofia.

Progressista e evolucionista, pois o progresso é fruto da evolução e da transformação.

Filosófica, pois só pelo trabalho filosófico, pelo estudo, pelo condicionamento e pelo conhecimento é que o ser pode domar e dobrar suas paixões e mazelas, limitando-as e desbastando-as, exercitando na oficina a retidão que deve reinar em toda a existência do maçom.

Só pelo conhecimento é que a humanidade prossegue, progride e sobrevive.

Assim como na lei dos homens, não se pode invocar a ignorância para se livrar das leis, também na lei divina assim há de ser, pois a

perfeição já vem impressa no ser e, se ocorrerem desvios pelo caminho, é apenas por nossa inteira culpa. O conhecimento apenas aumenta a responsabilidade, pois, se houver erro, ele será duplo.

Apesar de estar sustentada pelas 12 colunas do Zodíaco, coberta pela abóboda celeste, permeada pela fraternidade, unida com a corda de 81 nós, guardada pelas colunas J.'. e B.'., guiada pelo L.'.L.'., C.'. e E.'. , dirigida pela Força, Sabedoria e Beleza e de ser o maçom a imagem da perfeição, com semelhança com o Divino Criador dos mundos, a maçonaria é feita de humanidade, pois todos aqui reunidos, apesar de estarem em seus estados mais elevados, possuem sua parcela de carne, sujeitos às imperfeições e arestas que devem ser continuamente desbastadas nos trabalhos para que a perfeição do templo edificado se faça notar.

Constituída em grupo, pois não há loja, egrégora com apenas uma pessoa, como disse o grande Mestre Jesus: Pois onde se acham dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles. Pois três governam, cinco compõem e sete completam o trabalho da loja, para que tudo esteja justo e perfeito.

E, como grupo, sujeita-se às características gerais dos grupos.

Entende-se por grupo uma coleção de indivíduos, influenciando um ao outro e ao grupo em relação bilateral. Frequentemente, os indivíduos compartilham tarefas, julgam-se mutuamente e ao grupo.

Os grupos são altamente influenciáveis pelo ambiente, a atividade, as ferramentas e a estrutura de organização.

O indivíduo tem meios de levar o grupo a realizar os seus interesses, porém de maior intensidade é a força com que qualquer grupo arrasta-o para a concretização dos desejos do grupo, mesmo que para isto o indivíduo seja glorificado ou massacrado.

Leve é o ambiente maçônico de paz e harmonia.

Árdua é a atividade desenvolvida pelos maçons de lapidar até a perfeição continuamente, como ensinam a alegoria, a instrução e os trabalhos do grau de aprendiz.

Tempo é necessário para o domínio das ferramentas de trabalho. Malho e Cinzel, vontade e julgamento.

Os indivíduos que compõem toda a sociedade são dotados de personalidade, habilidades técnicas e sociais. Estas características fazem com que todos tenham o seu devido lugar na ordem dos trabalhos e todos sejam necessários de forma que a simples ausência se configure como quebra na cadeia.

Os grupos e o próprio indivíduo contribuem para que se alcancem os objetivos de cada um, deixando-os plenamente satisfeitos.

O tamanho do grupo pode influenciar na sua capacidade de operar de forma eficaz e satisfatória. Grupos médios tendem a tomar decisões mais precisas; grupos pequenos obtêm consenso mais facilmente; grupos maiores geram mais ideias, porém estão sujeitos a uma série de obstáculos sociais: subgrupos, alguns com metas incompatíveis, inibição.

O indivíduo constrói a instituição. Cada maçom se faz de tijolo,

lapidado rumo à retidão para fazer parte e construir assim o Templo de Salomão à glória do Grande Arquiteto do Universo. Motivado está para este trabalho, porém a motivação exige o seu alimento, o seu retorno.

Todos os que aqui se encontram já satisfizeram duas necessidades da base da pirâmide de Maslow: as necessidades fisiológica e de segurança. Pois, senão, não possuiriam estrutura para aqui estarem presentes e buscarem a satisfação das outras necessidades como seres humanos, rumo ao ápice desta pirâmide: o reconhecimento social, a autoestima e a autorrealização. O ser está disposto a participar da empreitada, porém ele quer, de alguma forma, ver suas necessidades satisfeitas para, desta maneira, prosseguir.

O grupo maçônico é imenso, logo, difícil de ser conduzido, apesar de que, na sua totalidade, é formado por pessoas esclarecidas e tolerantes. Os subgrupos aqui formados são, ao contrário dos do mundo profano, fonte de trabalho, uma vez que o objetivo de todos é a formação da tríplice argamassa: a paz, a harmonia e a concórdia.

Os grupos diferem pela interação, que se refere ao comportamento interpessoal, pela atividade, que são as coisas que as pessoas fazem, e pelo sentimento, que inclui os processos mentais e emocionais que resultam na atividade final. Estas são características mutuamente dependentes.

Meus ir.'. Eis o que caracteriza a Maçonaria:

Comportamento: fraternidade;

Atividade: liberdade;

Sentimento: igualdade.

O grupo pode constituir tanto a Loja como parte dela, pela presença de pessoas de maior contato e intimidade, sem ferir a irmandade, uma vez que a individualidade está presente, gerando 'uma folga, uma tolerância'.

Os indivíduos e o grupo se comunicam constantemente, e a comunicação é invariavelmente uma fonte de desencontros. O modelo de comunicação que se encontra no meio profano é o de decodificação, compreensão e *feedback*, com receptor e transmissor, tendo como veículo a linguagem. A comunicação eficiente ocorre quando o emissor obtém os resultados esperados do receptor, sendo boa a recepção se o receptor compreende bem a mensagem.

Alguns obstáculos à compreensão podem ser citados: falta de clareza, fontes concorrentes, mensagens não desejadas, desatenção, avaliação prematura, não saber ouvir, má interpretação, obstáculos à transmissão, à recepção e ao *feedback*.

Faz-se necessário que a comunicação deixe de ser ameaçadora, ou seja, avaliativa, controladora, estratégica, neutra, de superioridade e certa, levando o indivíduo a buscar mecanismos de defesa como a projeção, a racionalização, a negação e a reação. Certamente, uma comunicação orientada, espontânea, empática, de igualdade, em caráter provisório e descritiva levará à obtenção de melhores resultados quando do uso da comunicação.

Na Maçonaria, a comunicação de sua filosofia faz-se por diversas

formas, mas essencialmente por símbolos, alegorias e sinais, evitando assim alguns dos desvios da comunicação. A mensagem é uma só e todos a compreenderão em sua maneira particular. Contudo, a mensagem também evolui dentro do indivíduo, levando-o a diferentes interpretações dos ensinamentos maçônicos à medida que aprende, lapida-se, participa e assenta dentro de si toda a grande quantidade de informação.

O ritual leva a uma perfeita emissão, dirigida pelo V.'.M.' e auxiliados pelos irs.'. V.', a compreensão é certa e o *feedback* aberto na hora oportuna, trazendo sempre a comunicação em um duplo sentido, pois assim como os dirigentes caminham rumo à execução dos trabalhos, aqueles que tomam assento nas colunas é que têm o poder de decisão e que levam a ordem a cumprir o seu destino.

As falhas de comunicação são de sobremaneira minimizadas, porém as características de comunicação dependem daqueles que se encontram envolvidos e de suas personalidades.

A estrutura organizacional da Maçonaria está baseada na figura dos líderes.

A forma hierárquica, de maneira geral, forja ou coroa os líderes da comunidade que são eleitos por seus pares ou conquistam esta posição com seus méritos.

A atuação da oficina de trabalho depende da característica de seus líderes.

A Maçonaria é um verdadeiro celeiro de líderes que, como tal,

devem assumir seus papéis diante das comunidades a que pertencem para assim concretizar o bem-estar da pátria e da humanidade. Líderes que estão livres, ou menos propensos às falhas na comunicação, pois na Maçonaria praticam a observação, a audição, a tolerância, a ordem, a disciplina, a justiça e a honestidade. Exercem sua participação de uma forma ou de outra, contribuindo para os trabalhos e para sua própria formação política, à medida que tomam decisões, defendem sua posição conduzindo a ordem através dos tempos, auxiliando a conduzir o povo maçônico por este mundo de dificuldades, tendo constantemente o contato com o fenômeno do poder.

Nos trabalhos do grau de aprendiz, no desbaste da pedra bruta, pelas pancadas do grau demonstram continuamente a necessidade de trabalho e a eternidade do aprendizado.

Eterno é o aprendizado. Captar novas ideias, aprender como o comportamento humano em toda a sua plenitude, chegar a uma síntese pessoal, agir e preocupar-se em realizar, obter o equilíbrio entre a objetividade e a subjetividade, perceber a diferença entre aprendizados e lideranças, compreender a variedade dos contextos aos quais as ideias podem ser aplicadas. Estes são os desafios do aprendizado de liderança que deve passar pela iniciativa e pelos modelos, ultrapassar as fronteiras da criatividade, responsabilidade, conhecimento, reatividade e sentimento, expressar e praticar as situações operacionais, refletir constantemente e continuamente. Estes últimos são os aprendizados de liderança.

Líderes que não são ignorantes, pois estudam com afinco a causa maçônica, que nada mais é do que o que deveria ser a causa da humanidade: levantar templos à virtude e cavar masmorras aos vícios, pautados pelo L.'.L.'., pela retidão do E.'. com os limites do C.'..

Líderes que convivem em grupo e dele experimentam todas as suas características: comunicação, competição, cooperação, status, liderança, colisão e coesão.

Líderes que praticam em seu aprendizado as máximas: 'conhece-te a ti mesmo' e 'se queres vencer, vença tuas paixões'.

Pessoas que, mesmo sem ter a natureza de liderança – natureza esta susceptível às mudanças culturais e temporais – aprendem na altivez da marcha de aprendiz a desbravar novos horizontes com ordem, disciplina e retidão. Que convivem e se comunicam com todas as estruturas de coordenação de uma ordem maçônica, relacionando objetivo, aplicação e individualidade. Aprendem na passagem das P.'.S.'., soletrada a segurança do que se está fazendo. Aprendem que no depósito da proposta e do óbolo é sua atitude que está traçando os destinos da Maçonaria universal.

Aprendendo de momento a momento as necessidades e oportunidades para influenciar as situações e tirar o que há de útil em tudo.

Que a justiça e a prudência resguardem; que a bateria e a aclamação cubram; que as promessas e juramentos se façam presentes; que claras estejam nos maçons, como homens, os seus deveres para com Deus,

para com a humanidade, para com a pátria, para com a família e para consigo mesmos; que nítida em seu peito esteja a sensação do compasso ou das espadas, a fim de prosseguir com espontaneidade, firmeza e obrigação.

Que de norte a sul, de ocidente a oriente, levantem-se os iluminados desta ordem que atravessa os tempos e avancem cumpram o seu destino em conduzir os caminhos da humanidade pelo futuro.

E que o GADU nos ajude!

6 INSTRUMENTOS PARA O INICIADO

Termina a iniciação. Comece o aprendizado. Reflexão e força se fazem necessários.

Não basta apenas conhecer os símbolos maçônicos, torna-se essencial dominá-los de forma total e completa.

O Templo Maçônico, com todo o seu esplendor, torna-se uma fonte inesgotável para a pesquisa e para a inspiração, uma vez que a interpretação se torna livre a qualquer um, residindo aí a beleza de todo o simbolismo, que, sendo livre, não impede de amarrar em si conceitos que a todos chegarão de uma forma ou de outra.

A Serenidade, a Paz e a Harmonia que no interior deste fluem tornam-se objeto de desejo constante naquele que foi introduzido e iniciado.

A realidade que se conhece e se vivencia é apenas superficial, pois não se é dado conhecer a realidade verdadeira como um todo; apenas ao Grande Arquiteto do Universo é possível esta onisciência.

O ser humano não conhece a si próprio. Às portas do terceiro milênio, o homem ainda não aplicou a máxima de Aristóteles: "Conhece a ti mesmo".

O ser é inseparável daquilo que aprende e incorpora. A Câmara de Reflexões desperta no iniciado algo que, se antes ele soubesse, não desejaria, e por isso justifica-se o critério na admissão na Sublime Ordem: a consciência com o transcendental. Passa-se não à plena realidade, mas sim desperta-se para as pequenas coisas, volta-se para si, passa-se verdadeiramente a sentir todo o universo ao redor.

O período de aprendizado tem por objetivo aparar as arestas, completando assim a nossa parte na obra perfeita do Criador Supremo. Contudo, esta perfeição torna-se aparente e congelada no tempo; e a cada fração de segundo, um novo momento imperfeito aguarda o acabamento e forja assim o caminho do homem, agora iluminado, em uma espiral, tornando-o um eterno aprendiz, "escravizado" por suas imperfeições, pois sempre haverão arestas para serem desbastadas, sendo necessário apenas o despertar para isto, a consciência e a reflexão.

A natureza e toda a criação são impressionantes. Ciclos, etapas, tudo perfeitamente conectado, tudo devidamente unido, por mais que assim não pareça. Cada coisa em seu lugar e com uma finalidade.

Diante do imenso universo, o homem assume a sua diminuta forma. Privilegiado pelo Criador, dotado pela razão aparente, assume a sua total fragilidade diante de seu lugar no espaço-tempo.

Aqueles conceitos que antes da iniciação estavam totalmente claros, reformularam-se pela Câmara de Reflexões e, agora, no aprendizado, nublam-se e põem em questão a própria essência do existir.

Nas teorias científicas, o universo tende ao caos, à menor energia e à maior desorganização. Porém, nem toda a ciência profana, com seus milhares de livros e teorias, consegue explicar definitivamente os detalhes da realidade em que vivemos. Logo, todo o conhecimento se torna uma coletânea de artifícios para tirarem do homem a dor da solidão, de forma que até mesmo os cientistas, hoje, ao contrário dos de outrora, vêm a conclusão de que tudo se passa por um plano superior e que somente pela existência de Deus se pode explicar tudo, sendo assim, a natureza constitui um conjunto irreprodutível.

De onde vem a maldade, uma vez que ela é o constituinte de todas as arestas e imperfeições? Uma vez que tudo que existe é obra da Criação, também o Mal seria obra do Criador? – Nego-me a aceitar isto! – Existiria uma semente ruim dentro do homem?

Dizia-se há séculos atrás: "Todo homem é puro e bom até que conheça a sociedade que o corrompa..."

Somos corrompidos pela sociedade profana?

Dizia-se também: "O homem é o lobo de si mesmo" e, logo, necessita da sociedade para discipliná-lo; dizia-se ainda: "O homem é um produto do meio…" logo, é tudo aquilo que ele quiser ser.

Não existe mal na natureza divina. O Geômetra dos Mundos permitiu a existência da imperfeição para que se tenha a opção da escolha e se exerça o livre-arbítrio, deu ao ser humano assim a liberdade para traçar o próprio destino, nada lhe impondo, sem contudo o eximir da responsabilidade inerente a esta escolha.

"Tudo é lícito, mas nem tudo convém...".

Buscar as arestas é uma árdua tarefa. Inicialmente, não se possui ainda as ferramentas para isto realizar, mas, uma vez despertas, elas brotam, as incorreções, de todos os lados e sob todas as formas, levando o aprendiz a sentar-se e desanimar momentaneamente da tarefa a ser realizada, pois difícil não é encontrá-las, mas sim apará-las.

Egoísmo, ira, prazeres, desejo, omissão, entre outros sentimentos ruins, povoam as atitudes dos seres em geral e, no aprendizado maçônico, devem ser extirpados. Contudo, como é laborioso conter aquilo que, por anos, foi cultivado nos modelos sociais, impulsionados também pelo reflexo do profano.

E agora, o que deve fazer o aprendiz?

Mergulhar no nó existencial que ele mesmo teceu com seus sentimentos ou trabalhar e conviver consigo e suas pseudo-imperfeições do ponto de vista antropológico, uma vez que algumas destas também fazem parte da sua porção animal, instintiva e de sobrevivência diante da atual conjuntura social, tornando-se trabalhosa e nem sempre possível a distinção destas com as imperfeições da alma, cuja correção leva o ser ao caminho da evolução.

Muitas vezes não se interessa a eficácia, e sim a eficiência nas buscas e realizações; em outros momentos a intenção já se torna válida, sendo o primeiro grau, o primeiro degrau na Escada de Jacó, da jornada maçônica, uma reflexão preparatória para outras mais profundas.

A alegoria proposta para o aprendizado se torna dúbia. Ao mesmo

tempo que nos propõe uma lembrança ao "Pensador de Rodin", em sua interminável reflexão, nos impõe a expectativa de que, ao momento seguinte, retornará a talhar a pedra bruta, propondo ainda que o trabalho é o alívio do ser ao tormento das reflexões. Todo o cuidado com o pensar é pouco, pois pode-se assim enveredar por trilhas sem saída; livrar-se das imperfeições pela ocupação completa da máquina chamada "homem" em toda a sua capacidade física e mental, cumprindo assim o seu papel, deixando gravada a sua impressão.

Os antagônicos são os que delineiam o mundo como ele é hoje: o que seria da luz se não fossem as trevas, o silêncio do verbo, a vida e a morte, o bem e o mal, vício e virtude? Talvez o que haja de valor no negativo do par seja a valorização, o desejo e um parâmetro para o positivo, um mistério para as criaturas, constituição da normalidade social, uma opção de escolha...

O maçom mune-se de esquadro, compasso, malho, cinzel, trolha, régua, malhete, espada, luvas, avental, nível, prumo, para executar a obra, nunca caindo em indecisão, destruindo os antagonismos, unificando os seres em torno apenas do Bem.

O maçom se prepara com justiça, gratidão, retidão, critério para utilização de sua liberdade, habilidade no emprego da razão – evolução em seu estado racional, vontade, educação, perseverança, indulgência, lealdade, pureza, honra e verdade; se guia pela Força e Sabedoria; se espelha no Belo; se entrega ao Grande Arquiteto do Universo; reúne-se em Loja para completar com o universo a comunhão sagrada e

fecundar o ambiente para que tudo isto floresça e dê frutos em Caridade, Aperfeiçoamento, Paz, Harmonia e Concórdia.

Revestido por luvas e avental, para não se contaminar com as aparas, protegido dos profanos e sua indiscrição pela espada, empunhando o malho e o cinzel – força e argumento – no desbaste da pedra bruta, avaliando cuidadosamente com a régua, assegurando-se do cumprimento do dever, na justa medida determinada pelo esquadro, compasso, nível e prumo, esculpir fielmente aquilo que está determinado na prancheta que ninguém vê, mas que faz parte dos desígnios do Supremo Arquiteto do Universo.

E de pedra em pedra: bruta, burilada, polida e cúbica, construir o templo interior, levantar o templo maçônico, erguer o templo divino, cada qual em seu lugar e desempenhando sua função.

Os símbolos estão permanentemente posicionados na oficina e seus significados impressos indelevelmente em cada um que dela participe.

Justiça: conformidade com o direito, virtude de dar a cada um o que é seu;

Liberdade: praticar tudo aquilo que não é proibido, determinada pelo livre-arbítrio;

Razão: faculdade de conhecer pelo espírito a distinção entre coisas e ideias;

Educação: civilidade pela formação da intelectualidade;

Vontade: tendência do espírito, reflexo da necessidade do corpo, mente e espírito;

Perseverança: constância;

Lealdade: honestidade;

Indulgência: perdão;

Pureza: transparência;

Honra: dignidade;

Verdade: princípio certo, exato, real.

Dominando a todos estes instrumentos estará o verdadeiro iniciado pronto para ser o recipiendário e executor do ideário: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, levantar templos à virtude, enterrar os vícios e glorificar o Senhor dos Mundos.

Ao aprendiz cabe o manejo de seu pensar, redefinindo todos os seus conceitos, tendo por base a justiça, a força e a razão para que, em curtos, lentos, porém firmes passos, possa alcançar a glória de ultrapassar o desbaste como única atividade e poder também polir, deixando assim o aprendizado para então acompanhar e logo verdadeiramente ajudar a forjar os rumos física e espiritualmente da Maçonaria Universal.

SOBRE O AUTOR

Cláudio Homero Ferreira da Silva é araguarino, Dr. em Engenharia Química (e também Mestre) pela Universidade Federal de Uberlândia. É também Mestre em Capoeira. Entrou para a Maçonaria em 16/11/1999 como Aprendiz na Augusta e Respeitável Loja Maçônica União Araguarina nº 0924, filiada ao Grande Oriente do Estado de Minas Gerais (GOEMG) e ao Grande Oriente do Brasil (GOB). Em meados de 2000 foi elevado ao Grau de Companheiro e no início de 2001 foi exaltado ao Grau de Mestre Maçom. No biênio 2001/2003 foi Bibliotecário da Loja e no biênio 2003/2005 exerceu o cargo de Secretário-Adjunto. Em 2006 mudou-se para Belo Horizonte e, por razões profissionais, foi inviabilizada a sua permanência nas colunas, solicitando então seu Quite-Placet. Tornei-me Mestre três vezes (em engenharia, capoeira e maçonaria). Foram sete anos de dedicação que me trazem boas lembranças e que contribuirão para o ser humano que sou hoje.

A Glória do Grande Arquiteto do Universo

Grande Oriente do Brasil

O Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil faz saber, a todos os Maçons regulares, espalhados pela superfície da terra, que o respeitável Irmão CLÁUDIO ROMERO FERREIRA DA SILVA Cadastro nº , foi colado no Grau de Mestre Maçom no dia 21 de 05 de 2001 , e solicita, a quantos este virem, o reconheçam nessa qualidade e, para que goze dos direitos inerentes ao Grau, mandou expedir-lhe o presente Diploma, que está registrado no Poder Central sob o nº

Brasília, DF, 10 de agosto de 2001

O Grão-Mestre Geral

Lúcio Rodrigues

O Gr.·. Secretário-Geral de Administração

O Gr.·. Secretário-Geral da Guarda dos Selos

Dorival Loureiro da Cunha

79

79

79